

CONCLUSÃO

A verdadeira democracia, *regime difícil e tenso*, receita e exige a boa convivência. Que na sociedade de *homens livres* se atenda ao direito de todos e de cada um, que impere a Justiça, que todos respirem desafogados, que ninguém tema ser esbulhado, certo de que “ainda há juízes em Berlim”. E tal sociedade de homens livres, ideal nunca totalmente realizado, mas *nunca abandonado*, sempre perseguido sem desfalecimentos, tal sociedade terá por soldura entre seus membros, livres e ativos, a amizade cívica. Amorosa cultivará o amor, e prosperará crispada o ódio.

Para fechar bem, tomo a Boileau, fora de sua intenção (que não pensava nisto), tomo ao famoso poeta o que chamarei de “breviário do democrata perfeito”:

Concluons qu'ici bas le seul honneur solide
C'est de prendre toujours la verité pour guide,
De regarder en tout la raison et la loi;
D'être doux pour tout autre et rigoureux pour soi;
D'accomplir tout le bien que le ciel nous inspire;
Et d'être juste en fin: ce mot seul veut tout dire.

(Excertos do opúsculo *Considerações Sobre Democracia*,
Rio de Janeiro, Presença, 1986, pp. 22-23 e 36-43.)

MARITAIN E A FÉ NA DEMOCRACIA.

(1946)

1. Num dos livros mais poderosos que tenho lido e que mais profunda mossa me tem causado no espírito - *Ascensão e Decadência da Burguesia*, de Emmet John Hughes, posto em vernáculo por Cipriano Amoroso Costa, - nesse livro-monumento se faz esta observação justíssima:

Em meio à desintegração e ao colapso da sociedade liberal burguesa, em face das forças avassaladoras do fascismo, a mais grave ameaça ao que há de melhor na tradição cultural e política do Ocidente é o possível enredo da fé democrática na catástrofe liberal. A necessidade mais imediata e premente é que a fé na democracia, longe de ser assim deturpada e desarticulada, venha a receber o influxo de uma nova e perseverante energia.

(*Ascensão e Decadência da Burguesia*, Livraria Agir Editora, 1945,
p. 338).

Realmente, nesta hora decisiva que vivemos, cheia de inquietação e cheia de esperança, nesta hora única na história do mundo moderno, em que se apagam as luzes da civilização que a Burguesia criou para seu uso e gozo, nesta hora de revolução e de renovação, em que as energias latentes dos povos se põem em ação para plasmar uma Nova Idade – o máximo problema político e social que se nos apresenta é *salvar a Democracia*.

E salvar a Democracia significa preservar-lhe a essência, e defendê-la contra os fariseus que lhe usam do nome para *salvar-se* matando-a.

2. Não há vocabulário mais movediço que o vocabulário político. Tonto fica o lexicógrafo quando pretende definir um termo de tonalidade política, porque o conceito varia segundo a mentalidade e a paixão de cada grupo sectário, de tal modo que, sob o mesmo nome, se designam coisas diametralmente opostas.

Haja vista o que acontece com a palavra *socialismo*. Quem seria capaz de dar-lhe uma definição que satisfizesse a gregos e troianos?

Não é, pois, de estranhar que a palavra *democracia*, que adquiriu depois da Guerra uma ressonância profundamente sentimental, - não é de estranhar que a palavra *democracia* rotule os conceitos mais desconhecidos na teoria e na prática política. Temos exemplo em casa. O mais temível inimigo que tivemos da *democracia*, (difícil é escrever-lhe o nome!) Getúlio Vargas, veio instaurar nesta infeliz terra a “verdadeira democracia”, a “democracia orgânica”. Plínio Salgado, depois de ter pregado uma democracia verde, deglutida em tempo pelo citado “estadista”, volta a falar-nos compungidamente sobre a “verdadeira democracia”. Prestes abandonou seu retiro da Rua da Relação empunhando a bandeira democrática e se nomeou paladino da Democracia tachando de “reacionário”, “fascista”, “nazista”, e “traidor” a todo aquele que não reza pela sua cartilha, inclusive a mais autêntica figura de democrata entre nós surgida, o Brigadeiro Eduardo Gomes!

3. Diante disso, impõe-se uma cruzada, à qual são chamados todos os homens de boa vontade e de bom espírito, cruzada para atender àquela “necessidade mais imediata e premente” dos nossos tempos, isto é, - que a “fé na democracia venha a receber o influxo de uma nova e perseverante energia”.

“Ninguém crê”, porém, “sem saber por que crê”, como ensina Santo Tomás. Por isso, para que sólida seja e racional a nossa “fé na democracia”, é imprescindível que desta tenhamos noção perfeita e expungida de deformações.

4. Que eu saiba, ninguém até hoje estudou com mais clareza e aprofundou com mais segurança o verdadeiro conceito de *democracia* que Jacques Maritain. E não é de admirar que assim tenha sido: metafísico, esteta e humanista, no vero sentido da palavra, aprimorou o espírito na prática das distinções mais

sutis, penetrando a realidade – ontológica, política, social ou estética – até o âmago, “distinguindo para unir”, desvendando os erros no nascedouro, separando o ouro da ganga, descobrindo a verdade no meio das maiores aberrações do pensamento e revelando o veneno escondido sob a mais açucarada das pílulas.

Depois que, contrariando as tendências mais fortes do seu espírito, se entregou ao exame dos grandes problemas políticos do seu tempo, Maritain foi bastas vezes incompreendido, não raro vivamente combatido e até caluniado. Houve quem nele visse um “liberal” e mesmo um “herege”. No entanto, a realidade dos dias que vivemos mostra, com clareza meridiana, que ele foi um profeta, uma voz na tormenta, “uma das grandes clareiras do século XX”, como disse Alceu Amoroso Lima, num artigo que, há uns doze anos, orientou para o Mestre francês meu espírito ávido de adolescente.

Tendo acompanhado *pari passu* a pregação política do grande filósofo, pregação que caiu em terra arada, pois que sempre tive o espírito cem por cento democrata, - tendo acompanhado ao de perto a pregação do mestre, não tenho dúvida em afirmar que o “breviário político” de Maritain é esta pequena obra-prima que se chama *Cristianismo e Democracia*. “Breviário político” de Maritain e “breviário político” dos tempos atuais.

Este o livro da nossa cruzada, este o livro para nos alentar a fé na Democracia, porque este é o livro que nos apresenta em toda a sua pureza a verdadeira democracia, a democracia cuja essência sentíamos e entrevíamos no sub-consciente, mas que jamais fôramos capazes de definir com tanta precisão, com tanta suficiência, com tanta beleza e tanta elevação, como o fez esse grande homem que a Providência de Deus trouxe para a luz da Fé há quarenta anos, a fim de que ele iluminasse os seus contemporâneos.

5. O que para logo chama a atenção na obra de Maritain, e muito particularmente neste grande livro que escolhi para parafrasear, comentando-lhe e salientando-lhe os pontos capitais, – o que para logo chama a atenção é a *confiança na força intrínseca da Verdade e a confiança na ação do sobrenatural na história*.

O mundo moderno de tal modo se impregnou de cepticismo e de naturalismo, o clima espiritual da nossa época a tal ponto se empestou desses venenos, que dificilmente se encontra, entre cristãos e católicos de hoje em dia, quem não tenha de rezar o *confiteor*, ao menos por pecados leves. Daí a inquietação de muitos, daí a “reação” que surge furibunda, querendo matar as idéias a pau e querendo substituir a ação da Providência pela cadeia e pelo fuzilamento.

Por isso é que a *serenidade* de Maritain nos conforta, nos anima, *nos corrige* e nos comunica um sadio otimismo. Maritain nada tem de reacionário

porque ele crê e confia profundamente, *vitalmente* no poder da Verdade, porque ele recebeu em toda a plenitude aquela palavra do Cristo: “Confiança! Eu venci o mundo!”.

Eis por que na hora mais negra da guerra, quando o Império Pagão, no apogeu de sua força, ameaçava esmagar o mundo e tripudiar sobre a dignidade humana, quando “o espectro satânico do Nacional-Socialismo” estava a pique de nos mergulhar numa imensa e trevosa noite, - eis por que Maritain nos manda do seu bendito exílio uma mensagem de confiança, tranqüila, segura, partida de quem não teme as forças do Mal, visto como tem por si e *em si* o Deus dos Exércitos.

Esta, a meu ver, a primeira grande lição do “breviário político” de Maritain. Inútil citar textos e colher frases para provar o asserto. A confiança na força intrínseca da Verdade e a confiança na ação do fermento evangélico na história constituem o *espírito* do livro, espírito que se sente ou se presente em cada uma de suas sentenças.

Aí está por que Maritain é menos um apologeta que um afirmador. Ele crê na Verdade, por isso a *afirma*. Não lhe prepara os caminhos, não pede licença para apresentá-la, não pede desculpas aos circunstantes por trazê-la à luz. Ele não tem esse incompreensível “sentimento da culpa”, de que muitos católicos se acham possuídos e que os leva dar uma humilde explicação ao “respeitável público” de porquê são católicos. Ele não quer mostrar que a fé está de acordo com a ciência, como faz certa apologética barata, satisfeita de “ganhar mais um protestante na América”, como diria o nosso Corção, - mas sustenta corajosamente que a ciência é que tem de concordar com a fé.

Por isso, nesta hora de democratismo e de namoro e pazes apressadas com a democracia, ele pode fazer esta afirmação estupenda: “Mas o que importa à vida política do mundo e à solução da crise da civilização não é, de modo algum, pretender que o cristianismo estaria ligado à democracia e que a fé cristã obrigaria cada fiel a ser democrata; é verificar que a democracia está ligada ao cristianismo, e que o impulso democrático surgiu na história humana como uma manifestação temporal da inspiração evangélica” (*Cristianismo e Democracia*, tradução e Introdução de Alceu Amoroso Lima, Livraria Agir Editora, 1945, p. 45).

6. A grande tese do presente livro é aquela mesma entrevista por Bergson em *Les Deux Sources* e agora iluminada de luz solar: “a democracia é de essência evangélica”.

Maritain não se cansa de proclamá-lo ao longo de seu livro, e fez todas as suas magníficas análises convergir para esta conclusão: “Em seu princípio essencial, essa forma e esse ideal de vida comum, que chamamos democracia,

provém da inspiração evangélica e sem ela não pode subsistir”. (p. 35). “A condição para que as democracias ganhem a paz, depois de terem ganho a guerra, é que a inspiração cristã e a inspiração democrática se reconheçam e se reconciliem”. (p. 37). “O problema não é encontrar um nome novo para a democracia, e sim descobrir sua verdadeira essência e realizá-la”. (p.38). “Através dessas ilusões, porém, tornava-se sensível aos corações uma verdade sagrada: é que as energias do Evangelho não podem deixar de passar para a vida temporal dos homens. É que a boa nova anunciada para abrir o céu e a vida eterna quer também transformar a vida das sociedades terrestres no próprio seio de suas misérias e contradições. É que existem na mensagem evangélica virtualidades políticas e sociais que devem, a qualquer preço, desenvolver-se na história”. (p. 52).

7. Aquela mesma confiança que tem Maritain na força intrínseca da Verdade manifesta ele na capacidade de ação e de renovação do espírito humano e da “alma naturalmente cristã”. O espírito do Bem aí está, a sedução da Verdade aí se acha, a atração do sacrifício e o impulso para o heroísmo aí se encontram, e tudo isso pode pôr-se em movimento e de fato se põe, sobretudo nas horas críticas, em que tudo pareceria perdido. “Devemos esperar que, a despeito do esgotamento físico e moral dos povos, as reservas vitais neles ocultas, e antes de tudo nos povos formados pela liberdade, farão surgir os homens necessários e prepararão o caminho a uma nova civilização e a uma nova civilização e a uma nova democracia, cuja inspiração cristã invocará, não apenas no Ocidente as tradições vivas da religião do Cristo, mas em todo o mundo as energias morais da “alma naturalmente cristã”. (p. 23). “No seio da tremenda provação, tudo indica que se prepara, nas profundezas da consciência humana, uma poderosa renovação religiosa, que interessa ao mesmo tempo e levará de novo às suas fontes vivas todos os perseguidos, todos os crentes da grande família judaico-cristã”. (p. 47-48). “A filosofia democrática do homem e da sociedade tem confiança nos recursos e na vocação da natureza humana. Na grande aventura de nossa vida e de nossa história, ela aposta sobre a justiça e sobre a generosidade. Aposta portanto sobre o heroísmo e sobre as energias espirituais. Esse idealismo corre todos os riscos, sempre que não busca a sua fonte em altura suficiente e sempre que desconhece ao mesmo tempo as duras realidades naturais no seio das quais deve trabalhar, pois então não ousa olhar de frente a existência e o poder do mal por não se sentir bastante forte para sobrepujá-los”. (pp. 77-78).

8. Outra admirável lição de Maritain é distinguir na concepção democrática do homem e da sociedade um elemento subjetivo e um elemento objetivo, ou seja, “um estado de espírito democrático” e uma “doutrina democrática”: “[A palavra democracia] designa de início e antes de tudo uma

filosofia geral da vida humana e da vida política, bem como um estado de espírito” (p. 41).

Tal distinção é capital e justíssima, porque corresponde profundamente à realidade e porque nos previne contra erros desastrosos.

Antes de mais, é necessário atentar para essa “mentalidade democrática”. O trato dos homens e o debate das idéias nos fazem conhecer para logo o fascista e o democrata. Num caso, o reacionário, o ditatorial, o que receita chicote e cadeia para acabar com as idéias que lhes parecem erradas, o que não admite contradita, o que classifica os homens em quadros tendenciosos e traçados *a priori* no seu espírito, o que está absolutamente convencido que a sua caixa craniana é o habitáculo da verdade, o que, enfim, não reconhece e portanto não respeita a *pessoa* do seu próximo. Por outro lado, se nos depara o democrata, o tolerante, o que quer convencer pela persuasão e quer conquistar pelo amor, o que odeia a violência e a disciplina no “*passo de ganso*”, inimigo das falsas hierarquias, o que ama a contradita porque tem necessidade de repensar constantemente os seus conceitos, o que busca a verdade com toda a alma, mas com toda a humildade, o que “não quer a morte do pecador, mas quer que ele se converta e viva”, o que, numa palavra, reconhece e respeita a *pessoa* do seu próximo. Muito antes de haver Fascismo já havia fascistas, e muito antes de haver Democracia já havia democratas.

O que nós vemos hoje é que muitos homens, enganados antes pela pregação falaciosa dos “salvadores” da humanidade e das pátrias, caíram em si, “despertaram de um longo torpor”, abriram os olhos à realidade, “tomaram diante do Estado e dos governantes uma nova atitude interrogativa, crítica, desconfiada”. Ensinados por uma experiência amarga, opõem-se com a maior violência aos monopólios de um poder ditatorial, indevassável e intangível, e requerem um sistema de governo mais compatível com a dignidade e liberdade dos cidadãos”, consoante as palavras, - não de um “liberal”, como poderia parecer a algum fascista que acaso me leia, - mas de ninguém menos que o Papa Pio XII, na sua radiomensagem do Natal de 1944.

O estado de espírito democrático e a predisposição para a democracia ganham terreno e tomam vulto, sobretudo depois da guerra e, por isso, mais do que nunca é necessário formular e aprofundar a “doutrina da democracia”, para preservá-la das aberrações e das deformações dos fariseus. É o que faz Maritain, salientando sempre que a democracia não é uma “forma de governo” mas “uma filosofia geral da vida humana e da vida política”, filosofia essa que pode informar tanto uma república como uma monarquia, embora encontre na forma republicana de governo “a sua expressão mais normal”. (p. 81).

Essa conceituação da Democracia como “filosofia geral da vida humana” é importantíssima, porque não faltaram no passado como não faltam no presente

fariseus que quiseram e que querem valer-se do nome e de certos acidentes da democracia, para, esvaziando-lhe o conteúdo, deturparem-na à sua imagem e semelhança. Foi o que fez ontem a Burguesia, que quis identificar a Democracia com a *sua* concepção de vida, e que agora quer arrastá-la na sua queda fragorosa e inevitável. “Esses erros, que correspondiam ao advento da classe e da ideologia burguesas, longe de participarem da essência da democracia, são destruidores da democracia”, nota-o Maritain. (p. 83).

É o que fazem hoje os comunistas, que se apresentam como arautos da Democracia. São eles que se pretendem os detentores da verdadeira noção de Democracia, são eles que, únicos, sabem apontar ao povo os seus “amigos” e os seus “inimigos”, são eles os democratas reais, sem embargo de ser o comunismo, segundo observa Maritain, “a última etapa da destruição interna do princípio democrático, devido à rejeição do princípio cristão”. (pp. 93-94).

Da tremenda crise da guerra, sobreviveu a Democracia, renovada, purificada, restaurada, mais próxima de sua verdadeira essência. Cumpre aproveitar a boa maré, cumpre aproveitar o anseio universal para a Democracia, a fim de firmar-lhe melhor o conceito, expurgando-o de elementos estranhos, e cumpre trabalhar de corpo e alma para instaurar na Idade-Nova a Verdadeira Democracia, a democracia cristã, de que é hoje Maritain o mais cabal doutrinador.

9. Maritain nos fala a cada passo do fermento evangélico que Cristo depositou na história, e que vai crescendo e que se vai manifestando aqui e ali, não raro como aquelas “idéias loucas” de Chesterton, não raro trabalhado de mãos profanas e até profanadoras, mas que tem a força e a vida de tudo o que participa do Cristo ou que sai do Cristo. Assim é que, por exemplo, “desde a Revolução Francesa e a explosão de idealismo cristão laicizado que ela provocou na História, o sentido da liberdade e o sentido da justiça social transmutaram e vivificaram nossa civilização: e é preciso ter uma alma de escravo para aspirar ao aniquilamento desse próprio sentido da Liberdade e da Justiça, por causa dos sofrimentos e das desordens que possa ter ocasionado. Em suma, enquanto frutificavam no mundo moderno os males cujo germe ele carregava em si, nele, prosseguiram o crescimento natural da civilização e o trabalho interno devido ao fermento evangélico”. (pp. 30-31).

Esta observação tão exata de Maritain permite-nos ver, se somos providencialistas *de fato* e não apenas de *palavra*, permite-nos ver no apostolado comunista, no anseio verdadeiro de muitos comunistas pela justiça social, na condenação que fez o comunismo da economia e da rapina capitalista, permite-nos ver, digo, idéias cristãs laicizadas, que a Revolução Russa e os partidos comunistas espalharam pelo mundo, preparando assim, *a seu pesar*; o advento de uma Idade Nova recristianizada e realmente democrática.

10. Por outro lado, aponta-nos Maritain para o grande perigo, para a grande manobra dos reacionários, para a artimanha daqueles que “têm o nome do Senhor nos lábios” e se valem miseravelmente do sagrado nome do Cristo, do nome santo da Igreja ou das palavras sublimes, para oprimirem as consciências, violarem a Verdade, renegarem a Justiça, favorecerem ou praticarem o crime, tripudiarem sobre a dignidade dos filhos de Deus, remidos pelo Sangue Salvador. Nada realmente mais ignóbil. Antes, mil vezes antes negar e combater a Verdade e o Cristo que usar das palavras da verdade e das palavras do Cristo para obrar a iniquidade.

Nós vimos Hitler falar na Providência, querendo fazer de Deus seu cúmplice. Assistimos à ignomínia da quinta-coluna na Polônia, explorando vilmente um misticismo de martírio do povo polonês. “Os homens contaminados pelo fascismo, pelo nazismo fazem muito mais do que mentir: perverterem a própria função da linguagem. Em França, procurou o regime Pétain espalhar por todo o país uma ideologia farisaica, em que a penitência, a compunção, a purificação do coração e dos costumes, todos esses termos veneráveis perdem o sentido e a honra para se tornarem sinônimos da auto-acusação doentia solicitada de um povo para fornecer uma escapatória aos verdadeiros culpados”; (p. 28) ...“as ambições de aventureiros sórdidos e a filosofia escravocrata ensinada em todos os países da Europa por utopistas ávidos de verem suas idéias conquistarem o poder de qualquer modo, sadistas do racismo, embriagados pela alegria de empregar o espírito para trair ao espírito e vulgares traficantes da degradação humana” (pp. 33-34).

Aliás, tivemos portas a dentro exemplo dessa torpe manobra, na Ditadura infanda que infelicitou o Brasil para meio século. E também não nos faltaram “defensores da civilização cristã”, destituídos de qualquer escrúpulo de consciência e sempre dispostos a todas as concessões.

11. E já que andamos a rever a prata falsa de casa, é bem que lembremos estas palavras de Maritain, ditas a propósito dos totalitarismos de todas as cores e que, por isso mesmo, vêm a talho de foice para caracterizar e condenar a longa noite que passou sobre o horizonte político de nossa pátria: “Membros da mesma espécie, todos iguais perante Deus e perante a morte, é contrário à natureza que os homens não passem de instrumentos do poder político, instrumentos de um ditador, única pessoa humana em face de um rebanho de escravos organizados, ou então instrumentos de um poder paternalista, único adulto em face de um bando de menores” (pp. 60-61).

12. Nas suas finas e seguras análises dos fatos e dos conceitos políticos, não escapou a Maritain uma importantíssima distinção, que vem pôr a nu mais uma mistificação dos totalitários da direita ou da esquerda, - distinção aliás retomada, glosada e confirmada pelo Papa gloriosamente reinante, na sua

esplêndida mensagem sobre a Democracia. Refiro-me à distinção entre *massa* e *povo*, estabelecida pelo filósofo às páginas 88 e 89 do nosso livro. Aí se mostra bem que *massa* é um conjunto amorfo de indivíduos sem discernimento e sem liberdade, juguete fácil na mão dos tiranos e ditadores que os levam para onde lhes apraz, à custa da mentira, da hipocrisia e da opressão. *O povo*, pelo contrário, é um conjunto de *homens*, pensantes, conscientes e livres. “O povo são almas, são pessoas humanas reunidas pelas tarefas humanas comuns e pela consciência comum do trabalho que cada qual deve fazer para ter o seu lugar ao sol com sua família e seus amigos, por uma longa experiência das fadigas e das alegrias da vida sem glória, por um capital comum de sabedoria hereditária acumulada no espírito dos laboriosos, por sentimentos humanos, tradições humanas e instintos humanos que alimentam em cada um, muito próximo da natureza, um esforço pessoal, por mais limitado que seja, de razão e de liberdade” (pp. 88-89).

“Daí desponta clara outra conclusão: a massa – qual acabamos de definir – é a principal inimiga da verdadeira democracia, e do seu ideal de liberdade e de igualdade”, segundo as palavras de Pio XII, inteiramente consoantes com as do “herege” Maritain.

13. Em todas as páginas do nosso livro se lê ou se deduz que a Democracia supõe verdade, dignidade, lealdade, honestidade, integridade moral, respeito à personalidade e à liberdade alheias, amor e solidariedade, seja da parte dos governantes, seja da parte dos governados. Numa palavra, a democracia tem base moral e humana. Assim é que “está sendo derramado [o sangue de tantos homens] para que prevaleça em todos essa consciência da vocação da nossa espécie para realizar, em sua vida temporal, a lei do amor fraterno e a dignidade espiritual da pessoa humana, que é a alma da democracia” (p. 44).

14. Por isso mesmo, não pode deixar de ser cristão o fundamento e a essência da democracia. Democracia anticristã ou indiferente à mensagem cristã é moeda falsa, ou será o rótulo demagógico de uma nova forma de tirania. Assim, é absolutamente verdade que “se o futuro pertencer à democracia, uma parte essencial de sua realização deverá pertencer à religião de Cristo e à Igreja, mensageira da palavra do Redentor e continuadora de sua missão salvadora. Ela de fato ensina e defende as verdades, comunica as forças sobrenaturais da graça para realizar a ordem dos seres e dos fins estabelecida por Deus e que é o fundamento último e a norma diretiva de toda democracia”. (Pio XII, *Mensagem de Natal* de 1944).

O cristianismo é o fundamento da verdadeira democracia, porque ele “anunciou aos povos o reino de Deus e a vida do século futuro, ensinou-lhes a unidade do gênero humano, a igualdade de todos os homens, filhos do mesmo

Deus e resgatados pelo mesmo Cristo, a inalienável dignidade de cada alma criada à imagem de Deus, a dignidade do trabalho e a dignidade dos pobres, a primazia dos valores interiores e da boa vontade sobre os valores externos, a inviolabilidade das consciências, a exata vigilância da justiça e da providência de Deus sobre os grandes e sobre os pequenos, a obrigação imposta aos que comandam e aos que possuem o poder – de comandar segundo a justiça como ministros de Deus, e gerir os bens que lhes são confiados para a vantagem comum, como intendentes de Deus, a submissão de todos à lei do trabalho e o apelo a todos para partilharem da liberdade dos filhos de Deus, a santidade da Verdade e o poder do Espírito, a Comunhão dos Santos, a divina supremacia do amor redentor e da misericórdia, e a lei do amor fraternal que a todos se estende, mesmo aos que são nossos inimigos, porque todos os homens, qualquer que seja o grupo social, a raça, a nação, a classe a que pertençam são membros da família de Deus e irmãos adotivos do Filho de Deus” (pp. 53-54).

15. Na verdadeira Democracia, o que conta é a *qualidade* e não a *quantidade*, porque ela é o campo de luta onde devem triunfar o Bem e a Verdade. Por isso, com o seu advento hão de surgir também novas “elites”, uma nova nobreza. Não, porém, a “nobreza do sangue” dos antigos absolutismos, nem tão pouco a “nobreza do dinheiro”, da era burguesa, mas a “nobreza do trabalho e do valor moral”. “Agora, por bem ou por mal, será preciso que, de acordo com um postulado essencial do pensamento democrático, saiam as novas elites das camadas profundas das nações. Serão elas compostas das próprias elites operárias e camponesas, juntamente com os elementos das classes outrora dirigentes que estarão decididos a trabalhar com o povo. O problema essencial da reconstrução não é problema de homens, problemas das novas elites dirigentes vindouras. Não se qualificariam como tais se pretendessem o privilégio de se recrutarem a si mesmas. Possam elas ser designadas pelo heroísmo e pelo devotamento” (pp. 91-92).

16. Aí estão, creio eu, os tópicos principais deste grande livrinho de Maritain, a que se pode aplicar o mesmo que de Saussure disse Meillet: “Il faut le mediter d’un bout à l’autre”.

Não chamei a atenção para a atitude que Maritain aconselha aos veros democratas em face do comunismo e dos comunistas, porque é ela bastante conhecida e porque já é mais que hora de ir cortando as asas a este já longo artigo. Seria falta de espírito democrático ignorar que a paciência alheia tem limites...

17. Retomando o tema do início: nesta hora de graves inquietações mas principalmente de sólida esperança, nesta encruzilhada em que nos achamos da História, é preciso, é urgente, é decisivo preservar a Democracia. Mais do que nunca, estou convencido da verdade da tese do nosso Otávio Mangabeira:

“Fora da democracia não há salvação”. O que a observação nos revela é que os extremos se atraem: os fascismos de todos os matizes provocam o surto e o desenvolvimento do comunismo, ao mesmo passo que as atividades comunistas provocam a reação. E neste círculo vicioso há duas grandes vítimas, dignas de melhor sorte: a Democracia e a Consciência Cristã.

Para preservar a Democracia é preciso conhecê-la, conhecê-la profundamente, vitalmente. É preciso que a *vivamos* e que a comuniquemos ao nosso próximo, formando, nos que não a possuem, a “mentalidade democrática”.

Urge gritar aos quatro ventos, com convicção e com segurança, que a Igreja nada tem que ver com a filosofia burguesa, com a economia capitalista ou com a reação. Que a Igreja quer a reforma social para que se edifique uma cidade mais *humana*, onde o sol nasça para todos, onde *todos os homens* tenham o bem-estar econômico, exigido pela sua dignidade de filhos de Deus e necessário até para que eles melhor atinjam o seu destino sobrenatural, conforme o tese de Santo Tomás. Urge revidar aos interessados em defender, em nome do Cristo e da Igreja, a ordem social capitalista, com a terrível palavra do Evangelho: “É mais fácil um camelo passar pelo orifício de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”.

Trabalhem e confiemos. Aprendamos com Maritain a confiar na força da Verdade, aprendamos com ele a crer na Democracia, na verdadeira Democracia, cuja essência cristã ele tão esplendidamente analisou.

Estejamos certos, firmemente certos que “a um futuro melhor podemos e devemos chegar pela verdadeira democracia, progredindo numa ordem social mais justa, na qual o triste espetáculo da opulência excessiva de uns não afronta a miséria extrema dos outros; para uma era em que os ricos sejam menos poderosos e os pobres menos sofredores”, consoante a sentença lapidar do mais alto cidadão da nossa pátria, Eduardo Gomes.

(In *A Ordem*, Rio de Janeiro, maio-jun. 1946, pp. 134-144.)